

Afinação e seleção vocal em coros infantis do estado de Minas Gerais: uma pesquisa em andamento

Débora Andrade

UFSJ / UFJF

debora.andrade@ufsj.edu.br

Marcus Vinícius Medeiros Pereira

UFJF / UnB

marcus.medeiros@uffj.edu.br

Resumo: Este trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado, cuja finalidade é conhecer e analisar as práticas pedagógicas de professores de música que lidam com crianças “desafinadas” em coros infantis escolares de Minas Gerais. Nos limites deste artigo, nosso objetivo foi o de apresentar uma revisão bibliográfica que integra o caminho percorrido para se chegar ao objeto investigado. Para isso, apresentamos os pressupostos teóricos da seleção vocal em coros infantis brasileiros, além de três teorias que localizam a “desafinação” dentro do processo de desenvolvimento músico-vocal infantil e um panorama dos principais autores brasileiros, que têm se debruçado sobre possíveis intervenções pedagógicas relacionadas à questão central.

Palavras-chave: coral infantil; crianças “desafinadas”; pedagogia coral

Introdução

Esta comunicação é parte de uma pesquisa de Doutorado em Educação, cujo objetivo inicial é conhecer e analisar as práticas pedagógicas de professores de música relacionadas à inclusão de crianças “desafinadas” em coros infantis escolares de Minas Gerais. E, nesse contexto, pretende-se investigar a prática de sujeitos que atuam em turmas de 7 a 11 anos de idade, garantindo que seu público já possua condições fisiológicas mínimas para participar da atividade (VAILLANCOURT, 2012; LARA, 2004; CRUZ, 2003) e que ainda não se encontre em meio ao processo de muda vocal (PHILLIPS, 2014; LECK e JORDAN, 2009; COOKSEY, 1999).

Neste trabalho, consideraremos a afinação como “o ajuste do tom de uma nota em relação à outra, de modo que o número de vibrações corresponda às exigências da acústica” (BEHLAU & REHDER, 1997, p. 37). Portanto, “desafinada” seria a criança que comete desvios de frequência melódica em relação a um modelo que lhe é fornecido pelo professor de música.

O termo “desafinada” é bastante utilizado no senso comum. Na literatura coral infantil, encontramos uma variedade de outros termos pra se referir à criança que demonstra dificuldade em reproduzir alturas idênticas aos diversos padrões melódicos. São alguns exemplos deles: “surda, monótona, desafinada, problemática, não cantante, besouro, ouvido de artilheiro” (LARA, 2004, p.117, tradução nossa), “cantora parcial” (RUTKOWSKI, 2015, p.283), “cantora de extensão restrita” (RUTKOWSKI, 1997, p.201; FORCUCCI, 1975, p.58) e “criança de voz não desenvolvida” - termo considerado “mais apropriado para definir uma criança desafinada”, de acordo com Stene (1969 *apud* SOBREIRA, 2003, p.69).

Lara (2004) ainda nos apresenta onze categorias de crianças desafinadas, sendo elas: 1 – crianças que cantam abaixo do tom da canção; 2 – crianças que cantam as relações intervalares corretas, mas em outra tonalidade; 3 – crianças que cantam uma oitava abaixo da melodia; 4 – crianças que possuem um registro vocal curto, cantando em uma região grave, sem precisão rítmica e pronúncia incorreta; 5 – crianças que se aproximam das melodias, mas não exatamente em todas as notas; 6 – crianças que cantam no agudo, durante todo o tempo; 7 – crianças roucas, que apresentam boa disposição para cantar, mas são impedidas pela questão física; 8 – crianças cuja qualidade vocal é comprometida pelo excesso de ar; 9 – crianças que gritam ao invés de cantar; 10 – crianças que sentem vergonha de cantar e, por último, 11 – crianças que só cantam afinado dentro de sua extensão vocal.

Dada a diversidade das questões relacionadas à desafinação de crianças, o local escolhido para a realização dessa investigação foi a escola regular. Primeiramente, porque acolhe esta proposta de atividade, seja como parte do currículo formal (MATEIRO, ZANELLA, MADEIRO, 2013), dos Programas de Iniciação à Docência (PIBID) (OLIVEIRA, LOURENÇO, CRUZ, 2016; LIMA, SANTOS JÚNIOR, 2015; DALLAZEM, 2015), do Programa Mais Educação (ARAÚJO, 2016; PENNA *et al*, 2015) ou por meio da Extensão Universitária (MOREIRA, STOCCHERO, 2015). Espera-se que, diante de diferentes sujeitos, com suas variadas formas de aprendizado, exista neste espaço uma cultura pedagógica reflexiva, onde as práticas de ensino são frequentemente repensadas.

Nos limites deste texto, apresentamos dados iniciais - oriundos de levantamento bibliográfico - que subsidiaram a construção do objeto dessa pesquisa, quais sejam: aspectos históricos da seleção vocal em coros infantis brasileiros; três teorias que sugerem a

desafinação vocal como parte do desenvolvimento músico-vocal infantil; e uma breve revisão bibliográfica que demonstra a emergência do assunto, em contexto nacional.

Este levantamento bibliográfico foi realizado em anais de eventos de educação musical, em bibliotecas físicas e digitais, em periódicos nacionais e internacionais e em bancos de teses e dissertações, a partir dos descritores “voz infantil”, “desenvolvimento músico-vocal”, “coral infantil”, “desafinação vocal”, “coral infantil” e “coro escolar”. Nesta consulta, encontramos cento e três textos relacionados ao tema, mas selecionamos quarenta deles para este trabalho, por sua maior proximidade com o objeto de investigação.

Pressupostos históricos da seleção vocal em coros infantis brasileiros

Embora, historicamente, seja possível afirmar que a exclusão de crianças consideradas “desafinadas” já era uma prática realizada por professores de música, em coros infantis escolares na época do canto orfeônico, não há dados para afirmar quando isto se tornou uma prática dos professores de música.

Paz (2000), ao afirmar que Liddy Chiaffarelli Mignone (1891 - 1962), educadora musical contemporânea de Villa-Lobos, desenvolvia um trabalho de iniciação musical com crianças especiais, no Rio de Janeiro, também informa que ela “não excluía criança alguma, fosse ou não afinada” (p. 62). Tal afirmação nos leva a imaginar que, se a referida pedagoga não excluía a criança que apresentava dificuldade em afinar, a possibilidade de excluir existia.

Em alguns artigos publicados na Revista do Ensino, na época do Canto Orfeônico, encontram-se orientações para a realização de seleção vocal. Acreditava-se que o ensino do canto coletivo em escolas aconteceria de forma mais rápida, agradável e fácil se, nos primeiros ensaios, o professor selecionasse os alunos de melhor voz, além de dividir os discentes entre os “afinados” e os “desafinados”, os de boa voz, chamados de “elementos bons” e os “negativos” (ANDRADE, 2011).

E, mesmo após o fim do Canto Orfeônico, Mársico (1979) apresenta a definição de coro escolar como “um agrupamento de alunos escolhidos, por possuírem um bom timbre vocal e excelente entoação, para atuar em atos escolares, comemorações cívicas e sociais da

comunidade” (MÁRSICO, 1979, p. 43) - semelhante a concepções mais recentes de autores não brasileiros, de que “o coro escolar deve ser a seleção das mais lindas vozes do 3º, 4º e 5º anos”¹ (TORRES, 2002, p. 67, tradução nossa) e de que o coro infantil, do período contra turno escolar, é um ajuntamento de cantores talentosos selecionados (TAGG, 2013).

E, desses aspectos históricos que emergiram na revisão de literatura, embora não se encontrem muitos registros que atestem a cultura da seleção vocal em coros infantis brasileiros, Lima (2017) denuncia a sua existência, compreendendo-a como uma forma de violência simbólica, fruto do *habitus* conservatorial, investigado por Pereira (2014). A autora percebe indícios de a seleção vocal tem atravessado a prática pedagógica do professor de coro infantil pelo período de, pelo menos, um século.

A desafinação no contexto do desenvolvimento músico-vocal infantil

Tendo em vista que a seleção vocal incide na separação entre “afinados” e “desafinados”, compreender a “desafinação” é fundamental para o aprofundamento desta discussão. Nesta perspectiva, a dificuldade em afinar-se vocalmente pode estar ligada a diversos fatores. Os ambientais estão relacionados à falta de vivência musical. Os psicológicos podem estar relacionados à timidez, à inércia e ao período curto de atenção da criança. A falta de conhecimento técnico, levando à respiração insuficiente, à má assimilação do esquema corporal e à utilização incorreta de sua tessitura também exerce influência na afinação (LARA, 2004; CRUZ, 2003).

As causas da desafinação vocal, também, podem estar relacionadas à percepção e à memória de curto prazo (RUTKOWSKI, 2015; SOBREIRA, 2003), à tensão muscular, aos problemas respiratórios, à dificuldade de reprodução de intervalos, à idade, aos textos e ritmos complexos, presentes nas canções, aos modelos imitados, não correspondentes à voz infantil, e ao contexto sociocultural individual ou coletivo (SOBREIRA, 2003).

¹ El coro escolar debe ser la selección de las más hermosas voces de los grados 3º, 4º e 5º.

Independente de suas causas, é importante entender que a “desafinação” vocal, naturalmente, faz parte do desenvolvimento músico-vocal das crianças. Esse desenvolvimento é descrito em três teorias que emergiram da revisão bibliográfica, sendo elas: a Medida e Avaliação do desenvolvimento da voz cantada (RUTKOWSKI, 1990); o Modelo de Desenvolvimento de Afinação Vocal Infantil (WELCH, 2002, 2001, 1985) e as Fases do Desenvolvimento da Voz Cantada de alunos em idade primária (VAILLANCOURT, 2012), apresentadas a seguir.

Medida e Avaliação do Desenvolvimento da Voz Cantada da Criança

Após revisar dez dessas teorias, sendo elas as escalas de Smith (1961), Boardman (1964), Dittmore (1969), Young (1971), DeYarman (1972), Robert e Davies (1975), Runfola (1977), Ramsey (1982), Rutkowski (1983) e Feierabend (1984), Rutkowski (1990) elabora a Medida e Avaliação do Desenvolvimento da Voz Cantada da Criança.

O referido instrumento classifica as crianças dentro de cinco categorias de desenvolvimento vocal. O primeiro, o “pré-cantor”, se refere àquelas crianças que recitam o texto da canção. Na sequência, o “cantor de extensão de fala” sustenta as alturas, apresenta certa sensibilidade à melodia, mas permanece na região de fala, utilizando, aproximadamente, a região localizada entre o Lá₂ e o Dó₃.

As crianças que se localizam na terceira categoria são chamadas de “cantor inconstante”, por oscilar na utilização das vozes falada e cantada. Em uma próxima fase desse desenvolvimento, o “cantor de extensão inicial” já consegue exibir um comportamento vocal que se estende do Ré₃ ao Lá₃. E, por fim, o chamado “cantor” já exibe uma maior extensão vocal, podendo cantar acima do Sib₃, região chamada de registro leve.

O Modelo de Desenvolvimento de Afinação Vocal Infantil

“O canto (...) envolve a integração de sistemas do cérebro, relacionadas aos sistemas da fala, da visão, motor e emocional do cérebro”² (WELCH, 2001, p.36, tradução nossa). Para

² Singing (...) involves the integration of musical, speech, visual, motor and emotional systems of the brain.

crianças, cantar no tom não depende de uma questão de poder ou não poder, mas de um processo de aquisição de habilidades, que pode ser conquistado por meio de técnicas intervencionistas (WELCH, 1985).

Elas apresentam diferentes padrões de desenvolvimento musical, dependendo da “complexa interação entre a estrutura base do intelecto humano e das oportunidades fornecidas pelo [seu] ambiente sociocultural” (WELCH, 2002, p. 19, tradução nossa)³, podendo ser mais lento em umas e mais rápido em outras. Mas o seu canto pode ser visto como um processo de desenvolvimento, que será alimentado por determinadas estratégias de ensino (WELCH, 1986).

Welch (2002, 1986), neurocientista e músico, aponta até cinco estágios pelos quais a criança passa, durante um contínuo desenvolvimento de sua voz cantada. No primeiro estágio, as palavras da canção parecem ser mais interessantes do que a própria melodia, havendo pouca variação na altura cantada, além do que a criança parece cantar numa região que lhe é confortável, ao invés de recorrer à frequência de referência.

No segundo estágio, há alguma variação na altura cantada, podendo coincidir, ocasionalmente, com o som de referência, havendo um crescimento na consciência de que mudanças na frequência vocal podem ser controladas. Já no terceiro estágio, há saltos intervalares na tentativa de imitar a melodia de referência, além de que a extensão vocal parece aumentar.

Crianças que se encontram no quarto estágio do desenvolvimento vocal conseguem afinar algumas alturas, mas podem ocorrer mudanças na tonalidade se a melodia se tornar vocalmente desconfortável ou se sua extensão vocal ainda for relativamente limitada. Quando, porém, elas atingem o último estágio, não apresentam grandes desvios de afinação vocal, pois sua extensão vocal já se expandiu, tanto para o grave, quanto para o agudo.

Fases do desenvolvimento da voz cantada de alunos em idade primária

³ (...) complex interaction between the basic structure of human intellect and the opportunities provided by the socio-cultural environment (...)

Vaillancourt (2012) define as fases do desenvolvimento da voz infantil por idade. De acordo com a autora, as crianças apresentam três fases de desenvolvimento da voz cantada, sendo que a primeira tem início na pré-escola ou no primeiro ano escolar, a segunda, a partir do segundo ou terceiro ano escolar e a terceira etapa, a partir do quinto ou sexto ano, quando os alunos entram na adolescência.

Na primeira fase, a criança descobre e aprende a explorar sua voz cantada aprendendo, também, a distinguir as diferenças entre esta e a voz falada. Contudo, ela não é capaz de dominar o conjunto dos mecanismos dos registros vocais, sendo necessária a seleção de um repertório de canções de extensão reduzida.

Já, na segunda fase, a criança descobre e desenvolve o registro agudo, mais conhecido como “voz de cabeça”, ampliando sua extensão vocal em direção aos sons agudos. E, nessa fase, devem-se trabalhar exercícios técnicos e apresentar às crianças um repertório de canções que ajude na descoberta e na fixação desse registro.

Ainda segundo o autor, na terceira fase, os alunos que receberam uma educação vocal ao longo de seus anos de escola primária são capazes de interpretar as canções com a afinação apropriada. É nessa fase que a voz da criança ganhará força, atingindo o cume do desenvolvimento, que poderá ser comprometido com a chegada da muda vocal.

Em suma, essas três teorias demonstram que a “desafinação” vocal pode fazer parte de um desenvolvimento músico-vocal natural da criança e que esse processo de desenvolvimento inclui a aquisição de habilidades como a diferenciação entre a voz falada e cantada e a descoberta da “voz de cabeça”, por parte da criança. Mas esse desenvolvimento também depende do conhecimento que o professor tem acerca da natureza da voz infantil e das possibilidades de intervenções pedagógicas. Logo, a seleção vocal pode representar uma prática injusta, que acaba por excluir e influenciar, de diversas formas, o desenvolvimento músico-vocal das mesmas.

Propostas de intervenção pedagógica na literatura coral infantil

Percebe-se, também, na produção científica brasileira, uma crescente investigação com relação ao desenvolvimento músico-vocal de crianças em idade escolar, bem como uma crescente preocupação com a inclusão de crianças, que possuem dificuldade em cantar afinado, nas atividades corais, a exemplo de Lima e Santos Junior (2015). Autores como Boechat e Sobreira (2017), Chevitarese (2017), Sobreira (2017, 2013, 2003), Silva e Martinez (2011) e Andrade (2010) também apresentam uma série de orientações e ferramentas pedagógicas que auxiliarão o regente a ajudar crianças a descobrir sua voz cantada, bem como trabalhar sua afinação vocal.

No campo das pesquisas, Iwamoto (2009) investigou as causas da desafinação vocal de crianças pertencentes ao ensino fundamental de uma escola pública de São Paulo e elaborou, como consequência disso, um programa de atividades vocais cujos efeitos foram positivos na melhoria do problema; Oliveira e Lima (2016) investigaram a relação entre a afinação vocal e a concentração; e Lima e Santos Júnior (2015) relatam sua experiência com a *manossolfa*⁴ na tentativa de melhorar a desafinação de crianças em um contexto escolar.

Esses dados parecem evidenciar que o regente brasileiro de coro infantil vem se alinhando à filosofia de que toda criança pode aprender a cantar (GORDON, 1971 *apud* ATTERBURY, 1984b, p.51; BARTLE, 2003, p.8), entendendo que cantar afinado é um comportamento que se aprende (SOBREIRA, 2003; FORCUCCI, 1975).

Considerações finais

Em suma, esta pesquisa em andamento é motivada, principalmente, por preocupações relacionadas aos possíveis desdobramentos da prática de seleção vocal, realizada por professores de música, em coros infantis, na vida musical dos sujeitos que por meio dela são excluídas.

É preciso considerar que a ação de cantar é considerada como um comportamento básico humano (WELCH, 2001), sendo ele a via mais comum pela qual uma criança se insere

⁴ Sinais manuais que representam as notas musicais (SILVA, 2011).

na vida musical. É evidência disso o fato de os bebês aprenderem primeiramente a cantar para só mais tarde aprender a falar (SOBREIRA, 2003).

Mas essa via pode se fechar quando, por algum motivo, a criança encontra dificuldade em utilizar sua voz cantada (RUTKOWSKI, 1997), e ainda se, por conta disso, for excluída por meio de uma seleção vocal. Em um relato de pesquisa a respeito do desenvolvimento da voz cantada da criança e da formação de seus professores de música, apresentado por Vaillancourt (2002), na França, a autora nos alerta sobre a grande frequência com que se encontram crianças “castradas” em relação ao canto, tanto em classes escolares primárias, quanto em classes secundárias.

Dois autores explicam isso. Para Welch (2001) essa castração é fruto de uma construção de sentimentos negativos, por meio de comentários inapropriados, emitidos por pessoas que não possuem conhecimento acerca do desenvolvimento vocal infantil (WELCH, 2001). Phillips (2014) já é mais direto ao afirmar que isso acontece quando as crianças são classificadas como “desafinadas”.

Sobreira (2016) afirma que

(...) crianças que se sentem excluídas nas atividades de canto, e que guardam lembranças dolorosas a respeito de suas habilidades, podem desenvolver traumas que as levem a atitudes de negação relacionadas ao ato de cantar. Esse comportamento pode contribuir para que elas se sintam incapazes de afinar por toda a sua vida adulta (SOBREIRA, 2016, p. 131).

Nesta perspectiva, a pesquisa ora em andamento objetiva conhecer as práticas pedagógicas de professores de música que atuam em coros infantis escolares em Minas Gerais (o recorte do universo está em fase de delimitação), com vistas a compreender a realização de práticas de seleção vocal. Especialmente, busca-se investigar se são práticas naturalizadas como única versão do possível, resultante de incorporações de crenças ligadas à prática coral infantil no país que se atualiza e se naturaliza, construindo e re-produzindo a história a partir da história.

Espera-se, assim, contribuir com a compreensão destas práticas, possibilitando que se aja no intuito de possibilitar que a função do professor de música seja realmente a de

fortalecer o relacionamento das pessoas com música, evitando injustiças que acabam por marcar negativamente e afastar as crianças das práticas musicais.

Referências

ANDRADE, Débora. O Canto Orfeônico em Belo Horizonte na Revista de Ensino de 1925 a 1970. In: *O ensino de Canto Coletivo em escolas de Belo Horizonte: Uma comparação entre a metodologia do canto orfeônico e a prática pedagógica docente atual*. Monografia de Especialização em Educação Musical. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Escola de Música da UFMG, 2011, p.24.

_____. A metodologia de Bartle para o trabalho com crianças “desafinadas” por meio do canto coral: uma prática inclusiva. *Revista Tecer*. Belo Horizonte. v.3, n.4, maio 2010. p.75-81.

ARAÚJO, Pâmela Barroso de. Estudo de Caso da Oficina de Canto Coral do Programa Mais Educação na Escola Municipal Hilda Franco de Souza. In: IX ENCONTRO REGIONAL NORTE DA ABEM. Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical, 2016, Boa Vista. *Anais*. Boa Vista: UFRR, 2016, p.1-11.

ATTERBURY, B. W. Children’s Singing Voices: A Review of Selected Research. *Bulletin of the Council for Research in Music Education*, Champaign, 80, 1984, p.51 – 63.

BARTLE, Jean Ashworth. *Sound Advice: Becoming A Better Children’s Choir Conductor*. New York: Oxford University Press, 2003.

BEHLAU, Mara; REHDER, Maria Inês. *Higiene Vocal para o Canto Coral*. Rio de Janeiro: RevinteR, 1997.

BOECHAT, Bruno; SOBREIRA, Silvia. Ajudando a criança a encontrar sua voz cantada. In: SOBREIRA, Silvia. *Se você disser que eu desafino...* Rio de Janeiro: UNIRIO / Instituto Villa-Lobos, 2017. p.100-125.

CHEVITARESE, Maria José. Por um coro infantil onde todas as crianças possam ser trabalhadas e integradas. 2017. Disponível em: <<https://observatoriocoral.art.br/sites/default/files/documentos/artigos/2017-08-por-coro-infantil-onde-todas-criancas-possam-ser.pdf>> Acesso em: 24/01/2017.

COOKSEY, John M. *Working with Adolescent Voices*. St. Louis: Concordia Publishing House, 1999.

CRUZ, Gisele. *Canto, canção, cantoria: como montar um coral infantil*. 2ed. São Paulo: SESC, 2003.

DALLAZEM, Aline. O Canto Coral ampliando o acesso à Educação Musical: uma experiência do PIBID Música. In: *EDUCERE – XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*. 2015. *Anais*. Curitiba: Editora Universitária Champagnat, 2015, p. 42311 – 42320.

FORCUCCI, Samuel L. Help for Inaccurate Singers, *Music Educators Journal*, Reston, v. 62, n. 2, p. 57-61, 1975.

IWAMOTO, Judith de Souza Coimbra. *Encontrar a voz: uma pesquisa-ação na escola de Ensino Fundamental ajudando crianças a emitir a voz cantada*. 2009. Dissertação (Mestrado em Musicologia) – Programa de Pós-Graduação em Artes. Escola de Comunicações e Artes de São Paulo: São Paulo, 2009.

LIMA, Ailen Rose Balog de; SANTOS JUNIOR, Paulo Jeovani dos. Em busca da afinação no coral infantil como meio de musicalizar no Programa do PIBID de Música da UNASP. In: XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. Educação musical: formação humana, ética e produção de conhecimento, 2015, Natal. *Anais*. Natal: UFRN, 2015. s.p.

LIMA, Christiane Alves de. A violência simbólica presente em testes de seleção para coral infantil. In: XXVII CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 2017, Campinas. *Anais*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017, p. 1 – 8.

MÁRSICO, Leda Osório. *A voz infantil e o desenvolvimento músico-vocal*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1979.

MATEIRO, Teresa; ZANELLA, Andréia Tonial; MADEIRA, Ana Ester Correia. A prática do canto nas aulas de música: um estudo com uma turma de 4º ano. In: XXI CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, Ciência, tecnologia e inovação: perspectiva para pesquisa e ações em educação musical, 2013, Pirenópolis. *Anais*. Pirenópolis: UNB, 2013, p. 359 – 370.

MOREIRA, Ana Lúcia Iara Gamborim; STOCCHERO, Mariana Araújo. Projeto Coral Infantojuvenil (PCIU!): ensino, pesquisa e extensão na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. In: XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, Educação Musical: formação humana, ética e produção de conhecimento, 2015, Natal. *Anais*. Natal: UFRN, 2015, s.p.

OLIVEIRA, Keroline Rodrigues Oliveira; LIMA, Ailen Rose Balog de. Um estudo entre a relação entre a capacidade de concentração e a afinação vocal: Um Relato de Experiência. *INTEGRATIO*, Campinas, v. 2, n. 2, p. 54 – 60, 2016.

OLIVEIRA, Jackeline Cristina A. de; LOURENÇO, Jéssica Mayara S.; CRUZ, Vinícius da. O PIBID de Música no CoraLic. In: XIV ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ABEM, Diversidade

humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical, 2016, Cuiabá. *Anais*. Cuiabá: UFMT, 2016, s.p.

PAZ, Ermelinda. Proposta de Musicalização de Liddy Chiaffarelli Mignone. In: PAZ, Ermelinda. *Pedagogia Musical Brasileira no Século XX. Metodologias e Tendências*. Brasília: Editora MusiMed, 2000.

PENNA, Maura; MENDES, Eliane; BANDEIRA, Ian; BARROS, Olga Renalli. O Canto Coral no Programa Mais Educação: a defasagem entre a proposta e a ação. In: XXII CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, *Educação Musical: formação humana, ética e produção de conhecimento*, 2015, Natal. *Anais*. Natal: UFRN, 2015, s.p.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Licenciatura em música e *habitus* conservatorial: analisando o currículo. *Revista da ABEM*, v.22, p. 90-103, 2014.

PHILLIPS, Kenneth H. *Teaching Kids to Sing*. 2 ed. Boston: Schirmer, Centage Learning, 2014.

RUTKOWSKI, Joanne. The Relationship Between Children's Use of Singing Voice and Singing Accuracy. *Music Perception*, Califórnia, v. 32, n. 3, p. 283 – 292, 2015.

_____. The Nature of Children's Singing Voices: Characteristics and Assessment. *The Phenomenon of Singing*, St. John's, v. 1, p. 201 – 209, 1997.

_____. The Measurement and Evaluation of Children's Singing Voice Development. *The Quarterly*, Greeley, v. 1, n. 1 & 2, p. 81 – 93, 1990.

SILVA, Daniela Guimarães Fernandes da. MARTINEZ, Fábio Tagliari. O canto na educação infantil: desafios da afinação vocal. In: XX CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. *Educação Musical para o Brasil do Século XXI*, 2011, Vitória. *Anais*. Vitória: UFES, 2011, p. 1562 – 1567.

SILVA, Walênia Marília. Zóltan Kodály: Alfabetização e habilidades musicais. In: MATEIRO, T.; ILARI, B. (Orgs.) *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: IPBEX, 2011. p.55 - 87.

SOBREIRA, Silvia. O Canto na Infância: alguns desafios. In: SOBREIRA, Silvia. *Se você disser que eu desafino...* Rio de Janeiro: UNIRIO / Instituto Villa-Lobos, 2017. p.70-99.

SOBREIRA, Silvia. Desafinação vocal: compreendo o fenômeno. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 24, n. 36, p. 130 – 146, jan-jun 2016.

SOBREIRA, Silvia *et al.* *(Des)afi(n)ando a escola*. Brasília: MusiMed, 2013.

SOBREIRA, Silvia. O Problema da Desafinação na Infância. In: SOBREIRA, Silvia. *Desafinação vocal*. 2ed. Rio de Janeiro: MusiMed, 2003.

TAGG, Barbara M. *Before the Singing: Structuring Children's Choir for Success*. New York: Oxford University Press, 2013.

TORRES, Eder Noriega. El Coro Escolar. In. TORRES, Eder Noriega. *La Técnica Vocal: Hablada & Cantada*. Caribe: Litografia del Caribe, 2002.

VALLAINCOURT, Josée. Le developpement de la voix chantée chez l'enfant et la formation des enseignants de musique : un lien manifeste. In: TERRIEN, Pascal; LEROY, Jen-Luc. *La voix et l'éducation musicale : Contribution à la réflexion et à l'action pédagogique (II)*. Paris : L'Harmattan, 2012. p.123-137.

WELCH. Graham F. Early Childhood Musical Development. *Research Studies in Music Education*, California, v. 11, n.1, p.113 – 128, Aug. 2002.

WELCH, Graham F. The importance of singing. *Five to Seven Educator*, Dinton, v.1, n.6, p. 35 – 37, 2001.

WELCH. Graham F. A Developmental View of Children's Singing. *British Journal of Music Education*, Cambridge, v.3, n.3, p. 295 – 303, Nov. 1986.

WELCH. Graham F. A Schema Theory of How Children Learn to Sing in Tune. *Psychology of Music*, California, p. 3 – 18, 1985.